

COMMERCIO DO MINHO

4.º ANNO 1876

FOLHA COMMERCIAL RELIGIOSA E NOTICIOSA

NUMERO 480

Assigna-se e vende-se no escriptorio do EDITOR E PROPRIETARIO José Maria Dias da Costa, rua Nova n.º 3 E, para onde deve ser dirigida toda a correspondencia franca de porte.—As assignaturas são pagas adiantadas; assim como as correspondencias de interesse particular. Folha avulso 10 rs.

PUBLICA-SE
AS TERÇAS, QUINTAS E SABBADOS.

PREÇOS: Braga, anno 1\$600 rs.—Semestre 850 rs.—Provincias, anno 2\$400 rs. e sendo duas 4\$000 rs.—Semestre 1\$250 rs.—Brazil, anno 3\$600 rs.—Semestre 1\$900 rs. moeda forte, ou 8\$000 reis e 4\$500 reis moeda fraca.—Anuncios por linha 20 rs., repetição 10 rs. Para os assignantes 20 % d'abatimento.

BRAGA—TERÇA-FEIRA 11 DE ABRIL

Disseram-nos ha dias que a actual camara municipal havia lavrado os actas das suas sessões um *considerando*—voto de censura, ao presidente da commissão administradora do collegio dos orfãos de S. Caetano, que a cidade inteira sabe que é o exm.º e rev.º sr. arcebispo coadjutor.

Não obstante a seriedade das pessoas que nos affirmavam o facto, era elle de tal estranheza e magnitude, que só lhe demos pleno credito quando o vimos relatado na correspondencia d'esta cidade para o *Jornal do Porto*, do dia 7 do corrente; pois que em assumptos camarios é mui auctorizado o auctor da correspondencia referida.

Escreve o correspondente:

«Sendo certo, pois, que a exumação dos restos mortaes do venerando arcebispo de Braga, D. frei Caetano Brandão, foi um acto publico de que teve conhecimento a cidade inteira e a que assistiram certos funcionarios, que não podiam consentir que tão extraordinario facto passasse desapercibido, a camara municipal d'esta cidade magoada um pouco por não ser na pessoa do seu digno presidente representada n'aquelle acto, approvou por unanimidade o seguinte *considerando*, que na ultima sessão ordinaria foi apresentado pelo sr. Fernando Castiço:

«Tendo-se procedido na igreja primacial d'esta cidade á exumação *solemne* dos ossos do venerando prelado, que foi d'esta archidiocese, o sr. D. frei Caetano Brandão; e achando-se lavrado o competente auto para que em todo o tempo haja memoria certa d'este acontecimento; e não tendo sido convidada esta camara para assistir na pessoa do seu digno presidente, como é de uso invariavel em to-

dos os actos, cuja veracidade no futuro depende da solemnidade com que foram feitas, faltando por isso n'esse documento, que um dia a historia terá de consultar, a assignatura do presidente da camara de Braga; e considerando que foi feita a exumação para em tempo competente, serem guardados condignamente esses preciosos restos no novo seminario dos orphãos que se projecta fazer para maior gloria do mesmo venerando arcebispo; e sendo membro nato da commissão que tem de realisar essa piedosa ideia o presidente da camara municipal, que nenhum conhecimento tem do dia do acto da exumação; a camara sente vêr-se assim esquecida, embora sem intenção, e resolve que sejam lançadas na acta de suas sessões estas palavras de sentimento, e que d'ellas se dê conhecimento ao exm.º sr. presidente da commissão administradora dos orphãos de S. Caetano.»

O correspondente acrescenta que este *considerando* fôra unanimemente *approvado*, e que por tal facto devia constituir o digno presidente da commissão administradora dos orfãos de S. Caetano e até o respeitavel chefe do corpo capitular da Sé na restricta obrigação de repararem uma tão grave como involuntaria falta, etc.

Ha n'este negocio pontos que convem desentencillar, e é o que pretendemos fazer, expondo singela e verdadeiramente ao publico o que a esse respeito sabemos.

Foi publicada no *Comercio do Minho* uma local nossa, onde lembramos a oportunidade de se proceder á exumação da ossada do veneravel arcebispo D. Fr. Caetano Brandão.—oportunidade offerecida pelo facto de se andarem a fazer obras na capella-mór da Sé, onde estanceavam os restos mortaes do immortal prelado.

A nossa lembrança foi tão bem recebida, que a commissão do collegio, reunida para esse fim, a approvou unanimemente.

nida para esse fim, a approvou unanimemente.

A' reunião a que alludimos assistiu tambem o sr. visconde de Pindella, que na qualidade de presidente da camara é membro nato da commissão administradora. Por deliberação d'esta foi encarregado de dar os passos competentes para levar a effeito a exumação da ossada o rev.º director do collegio, que serve de secretario da mesma.

Para dar cumprimento a esta deliberação, o rev.º director fez, na conformidade da lei, os dois requerimentos: um á primeira auctoridade ecclesiastica, e outro á primeira auctoridade administrativa do districto e localidade, obtendo ambos os respectivos despachos.

Além do que deixamos dicto constanos que a mesma commissão, fundada em mui razoaveis motivos, accordára e recommendára que o acto da exumação se fizesse a portas fechadas e sem o caracter de solemnidade, ficando esta reservada para a trasladação. Assim se effectuou, não comparecendo ao acto, como auctoridades, senão as pessoas que a lei ordena—o sr. vigario geral e seu escrivão, que lavrou o auto, o administrador do concelho e delegado de saude. Todos os demais assistentes achavam-se alli como particulares.

Se não foi mera illusão optica, vimos lá dois funcionarios da camara, sendo um d'elles o sr. secretario da mesma: ora este ultimo podia quando escreveu a palavra *solemne*, na acta, dar alguns esclarecimentos sobre a tal *solemnidade*; pois deve saber que os actos religiosos *solemnes* nunca se fazem a portas fechadas.

«Solemnidades» (sic) ás occultas só as fazem as sociedades secretas, ás quaes não é dado assistirem os profanos.....

Se pois o acto se tivesse effectivado solemnemente, como pretendem os do *considerando*, as pessoas que forçosamente

alli haviam de comparecer seriam os membros da commissão administradora, que se compõe dos snrs.: arcebispo, governador civil, presidente da camara, reitor do Lyceu e delegado de saude. Do que deixamos dicto se depreheende que o acto foi *solemne*.

Agora mais duas palavras.

Se o sr. presidente da camara não quiz ou não se dignou comparecer no acto da exumação, como membro da commissão administradora, para que assignou uma acta de censura ao presidente da mesma commissão de que faz parte?

E' notavel e digno de registrar-se. Um presidente d'uma corporação assigna uma acta de censura ao presidente d'uma outra commissão, de que elle tambem é membro (!!!), por uma resolução que, segundo consta, sancionou com o seu voto, e que foi dos mais caloresos a louvar!!!!

Não comprehendemos.

Diz-se na censura que o presidente da camara *nenhum conhecimento tem do dia do acto da exumação*; e na correspondencia, de que fielmente extractamos o *considerando*, affirmase que a exumação foi um acto publico de que teve conhecimento a cidade inteira.

Que nos dizem a isto?!

Toda a cidade soube do facto; só o ignora o sr. presidente da camara d'essa mesma cidade, e que é membro da commissão que mandou proceder á exumação!

Decididamente estamos na época dos fenomenos e das raridades ultra-incriveis.

Diz-se na correspondencia do *Jornal do Porto* que o voto de censura foi *unanimemente approvado* e que se resolveu que d'elle se desse conhecimento ao sr. presidente da commissão administradora do collegio dos orfãos.

Isto causou-nos estranheza.

FOLHETIM

O LIBERALISMO CATHOLICO

SEGUNDA PARTE

Valor practico do sistema.

I

Determinam-se com toda a precisão e clareza as posições dos combatentes.

[Continuação]

Não é ser liberal, por conseguinte, o buscar nas aspirações das sociedades modernas o que elles tem de generoso, e mostrar que estas sociedades não poderão encontrar a satisfação de seus nobres instinctos senão em sua reconciliação com a Igreja. Como todos os erros, o liberalismo contém uma parte de verdade que elle desnaturalisa, e com ajuda da qual, se duz grande numero de espiritos sinceros. Ha pois duas maneiras de o haver ás mãos e de destruir seu prestigio. Podemos-nos apossar do que elle contém de verdade, e mostrar a identidade d'esta com a doutrina catholica; ou se não, atacar o que n'elle ha de contrario á doutrina catholica, e provar-lhe a absurdidade (permitta-se-nos a expressão). Pelo primeiro d'estes dous methodos, atrahem-se os espiritos sinceros; pelo segundo, confundem-se os sofistas. Portanto, ambos elles são bons e completam-se mutuamente. Só a exageração é perigosa, e o é nos dous sentidos; porque, se ha algum perigo em levar a conciliação até ao ponto de paliar o erro, não o ha meior em revestir a refutação do erro de fórmulas que

torquem a verdade odiosa. Aquelles a quem seu temperamento leva a tal excesso, de boa mente accusarão de fraquesa os controversistas que adoptam processos menos repulsivos. Mas basta considerar os exemplos de Jesus Christo e dos Apostolos para cada um se convencer de que não é impossivel aliar fórmulas conciliadoras com uma inabalavel firmeza de doutrina.

Em fim seriamos injusto se accusassemos de liberalismo aquelles que esperam que a Igreja sahirá triunfante da prova a que a submettem as sociedades modernas, assim como triunfou das crises igualmente perigosas, a que foi submettida no seio do mundo pagão e durante certos periodos da idade media. Esta esperança é a vossa, e partilhamol-a, ou antes possuimol-a de commum com illustres personagens que estão mui longe de ser liberaes. Cremos que em todos os acontecimentos que ordena ou que permite, Deus só tem em vista o triunfo de sua Igreja, e que este triunfo não deve ter por theatro sómente o ceo, mas tambem a terra. A Igreja passou nos seculos precedentes por dous estados, e foi submettida em suas relações com a sociedade civil a dous regimes,—o regimen da perseguição, e o da união. Sem collocar na mesma linha, ou submeter ao mesmo nivel, estes dous regimes, deve-se reconhecer que o segundo não tem exposto a Igreja a menores perigos que o primeiro. Jámais ella se encontrou sob os perseguidores n'um estado peor do que no começo do XI seculo. Dizer isto é simplesmente assignalar uma applicação do velho adagio, que os peiores abusos são os das melhores coisas. Já os latinos diziam: *corruptio optimi, pessima*.

A Igreja tem triunfado de todos estes perigos; sahiu victoriosa, tanto das

violencias e das perseguições, como dos abraços e da protecção, trocada em tirania. Cremos que ella sabirá igualmente victoriosa do regimen da separação. Mas de quem esperamos este triunfo? Não é da virtude inherente á liberdade. Estamos pelo contrario persuadidos—e é n'isto que nos differencamos dos liberaes—que, vista a corrupção natural do homem, a liberdade do erro é mortifera, é facinorosa por si mesma, mais mortifera e mais facinorosa que a perseguição violenta. Mas esperamos que Deus se servirá dos desastres causados por esta funesta liberdade, como se serviu das violencias da perseguição, para reconduzir a Jesus Christo, seu unico Salvador, as nações das quaes lhe prometeu o imperio. (1)

Qual é pois em resumo o erro que combatemos sob o nome de liberalismo catholico? E' aquelle que, sem ousar sustentar a necessidade e a excellencia absoluta da separação das duas sociedades, o que seria o liberalismo puro, não occulta todavia suas preferencias por este

(1) Os jornaes catholicos trouxeram-nos ultimamente em um magnifico Breve, dirigido aos Bispos da Sicilia, a expressão das mesmas esperanças, apoiadas sobre os mesmos motivos. O Santo Padre agradece aos Prelados Sicilianos as demonstrações de sua dedicação, e acrescenta: «Estes testemunhos, ao mesmo tempo que demonstram Deus estar conosco, Jevem fortalecer nossa coragem e dar-nos a esperança de um socorro que se não poderia pôr em duvida, e d'uma victoria brilhante e certa. Não está porventura acostumada a Igreja a sair do combate com uma aureola tanto mais brilhante quanto tem sido atacada com mais violencia e tem estado sujeita a maiores perigos?»

regimen; e, reconhecendo aliás que elle não passa de uma hypothese, o colloca acima da propria these, declarando que é o unico appropriado ás necessidades da humanidade adulta, ao passo que o regimen da união dos dous poderes não tem podido ser util (no seu dizer) senão durante a infancia dos povos, e mesmo então foi acompanhado de inconvenientes superiores á sua utilidade. Se se contentasse de buscar para as sociedades democraticas do futuro uma fórmula de alliança com a sociedade espiritual diferente das que adoptaram as monarchias do antigo regimen, nada teriamos a dizer. Tendo mudado um dos termos, é natural que a relação se modifique igualmente. Mas reconhecer a independencia d'estas sociedades a respeito do Jesus Christo e de sua Igreja, os catholicos não o podem sem reoegar os direitos essenciaes d'este divino Rei: é esta negação, se não expressa, pelo menos implicita, que constitue o erro e o perigo do liberalismo catholico. (2)

(Continúa)

(2) A «Nação», diario catholico de Lisboa, tratou bastante bem este ponto, quando (haverá um anno pouco mais ou menos), lhe vieram com o falso principio regalista ou cezariano (e actualmente *liberanga* puro) de que na collisão de leis civis e ecclesiasticas, eram aquellas e não estas que deviam ter a preferencia, sendo obedeidas.

A identidade entre o cezarianismo e o liberalismo está provada pelo illustrado Ramière em mui notaveis e profundos artigos que serão publicados no *Liberalismo Desmascarado*.

Pois quem é o presidente da referida comissão, senão o inclito prelado que foi primaz do oriente, e hoje se senta na —consoante é tradição—segunda cadeira archiepiscopal do mundo, erecta pelo Apostolo S. Thiego; senão o venerando successor dos Senhores de Braga, e d'aquelles que mandaram construir duas terças partes da propria casa da camara, onde os nossos edis lhe votam censuras?!?

E censuras porque?

Porventura não houve ninguem, que, antes de assignar a acta em questão, se lembrasse de indagar se os motivos da censura eram realmente verdadeiros; se procederiam d'um esquecimento, *embora sem intenção* (oh!!); ou se realmente o acto não foi solemne por previa resolução, como supomos que fôra.

Custa a acreditar.

Lavra-se levemente um voto de censura ao proprio prelado; confia-se a acta respectiva á imprensa, para esta collaborar no desprestigio do respeitabilissimo pastor de tantos milhares d'almas?!...

E tudo isto porque?

Por uma veledade inqualificavel.

Ah Catões!...

J. M. D. da G.

Sermões de quaresma na cidade do Porto.

Quando vemos o povo entrar na casa de Deus, orar prostrado aos pés da Cruz, e ouvir a palavra da vida eterna dos labios do sacerdote christão, não cremos na perdição do povo.

Como em-nos as lagrimas d'arrepentimento, e o fervor da oração; e se nos perguntamos a causa de tal concorrência ao templo do Deus verdadeiro, só a encontramos na *sede de verdade*, que o homem, apesar de todas as luzes do seculo, não tem podido apagar.

Os sermões que escutam os na igreja dos extinctos carmelitas, no Porto, vieram de molde a produzir sensação profunda nos fieis, que, nos domingos da presente quaresma, ouviram o ensino da Igreja dos labios do rev.^{mo} Senna Freitas, honra do clero portuguez.

Tomando o texto=*Et Verbum caro factum est*=fallou no primeiro domingo sobre a encarnação do Verbo, e, comparando a palavra humana com o Verbo de Deus, esmagou o racionalismo orgulhoso que, fingindo illuminar as intelligencias, limita infinitamente as aspirações da humanidade para a verdade eterna.

Baseado no texto=*Ecclesia Dei... columna et firmamentum veritatis*=demonstrou, no segundo domingo, que o magisterio da Igreja é certo e constante; comparou-o ao protestantismo, que varia de individuo para individuo, e concluiu pela divindade do primeiro, estabelecido pelos caracteres acima apontados.

No terceiro domingo discursou ainda sobre o magisterio da Igreja; e desenvolvendo o texto=*euntes in mundum universum, predicate Evangelium omni creaturae*=, demonstrou a universalidade d'esse magisterio na sua natureza e na sua acceitação, refutando ainda o protestantismo.

Explicou, no quarto sermão, o aforismo da Igreja Catholica=*fôra da Igreja não ha salvação*=fundado nas palavras do Divino Mestre=*Ego sum via, veritas et vita, nemo venit ad Patrem nisi per me*.

Applicou, no quinto sermão, a parábola de samaritano=*curam illius habe*= á Igreja Catholica, demonstrando que nem os judeus, nem os philosophos poderam jámais curar as enfermidades da humanidade, porque o unico remedio para ellas efficaç são o Evangelho e o sangue do Redemptor, dos quaes só a Igreja é a fiel depositaria.

Expostos aqui, em resumo, os assumptos escolhidos pelo benemerito orador, que foram desenvolvidos com a proficiencia que amigos e adversarios lhe reconhecem, nada mais diríamos, se a consciencia nos não obrigasse a fazer algumas considerações a proposito d'estes sermões.

Algumas pessoas do Porto, cujos sentimentos religiosos estão acima de todo o elogio, promovendo estes sermões desejavam que elles tivessem logar na igreja dos Congregados, por ser, talvez, a mais concorrida da cidade.

Respondendo-lhes negativamente a irmandade respectiva, foram bater a porta do templo da Ordem da Santissima Trindade, de quem obtiveram resposta identica, allegando ambas que haveria sermões nas suas igrejas.

Se esta era a verdade; se, com effeito,

tinham ambas as irmandades deliberado o que disseram, nada temos que censurar, e de todo o coração louvamos a sua devoção manifestada na presente quaresma.

Causa-nos, porém, bastante surpresa e reparo que fosse precisamente n'esta quaresma que accordasse nas referidas irmandades o feliz alvitre de que nas suas igrejas fosse prégada a palavra de Deus, por isso que nos annos precedentes não tem alli havido exercicio algum d'aquella natureza. Augmenta o nosso justo reparo o asseverar-nos pessoa de toda a confiança, que o convite feito aos prégadores que oraram nas igrejas das mesmas irmandades, só fôra feito depois da recusa a que o *proposto* o'ellas prégasse.

D'aqui, portanto, se poderia concluir, que as verdadeiras razões eram de outra especie, que não a méra piedade dos illustres mezarios, isto é os sentimentos *reaccionarios* do prégador incompatíveis com as ideias *liberaes*. E' o que nos affirmam individuos, que nos merecem o maior credito.

Nós, porém, não podemos crer, apesar do respeito que devemos a essas pessoas, que sentimentos d'este modo anti-catholicos sejam os das duas illustres corporações, e parece-nos que deve haver *exagero* ou *qui pro quo* nas explicações das dignas irmandades a que nos referimos...

Em duas palavras justificamos nossa duvida:

Ninguem pôde, com justiça, alcunhar de reaccionario (como *liberalmente* se diz) o sr. Senna Freitas; porque nem como padre, nem como cidadão ha defendido, em tempo algum, principios anti-progredistas. A circumstancia de ter andado a missionar pelos sertões da America, onde arruinou a saude, prova que tem muito amor ao Evangelho, e o Evangelho é a base da liberdade e a fonte de todo o verdadeiro progresso.

Ora as illustres irmandades creem n'esta liberdade e n'este progresso, e por tanto de modo algum fechariam suas igrejas a um sacerdote, que, como o sr. Senna Freitas, marcha na vanguarda da verdadeira civilização.

Demais, se por *liberdade* se entende *constituição*, e pela palavra *reacção* se quer significar=*miguelismo*=, o sr. padre Senna Freitas nasceu depois que em Portugal houve essa desastrosa guerra civil, que tantos filhos roubou á sua e nossa patria, e, por tanto, nem é miguelista nem deixa de o ser.

E' lei do paiz a constituição? Pois muito bem. Ella diz que é religião do Estado a catholica apostolica romana, e elle nada mais pretende do que prégá essa mesma religião, como já por vezes o tem declarado em publico. Em politica não se envolve.

O pulpito não é tribuna aonde suba qualquer *demagogo* para insultar quem tenha ideias adversas, nem logar azado para combater a forma de governo por que se rege *actualmente* ou venha de *futuro* a reger-se a nossa patria.

O pulpito é a cadeira da verdade, que não muda, e a politica varia com os tempos, porque não tem privilegio de verdade.

A missão do padre não é preparar o caminho da republica, ou do absolutismo; sua missão é mais nobre, porque se limita a encaminhar-nos para a felicidade eterna, que não repugna ás variadas formas politicas, inocular no coração do homem o Evangelho, e o homem que o applique depois á sua vida na terra.

Os pulpitos dos Congregados, e da Trindade não são para *liberaes* ou *miguelistas*; são para os padres catholicos, porque só estes comprehendem a grandesa de sua missão divina.

Se, porém, as illustres irmandades fecharam seus templos ao *padre catholico*... Deus tomará contas um dia a quem confunde politica com religião para insultar a verdadeira liberdade em nome da mentida liberdade, e, n'esse dia, não valerão as desculpas de sermões prégados por... *padres liberaes*, ou por prégadores da moda, que gostam mais de offerecer flores, do que o pão substancial da doutrina christã.

GONÇALO D'ATHAYDE.

Carta pastoral de monsenhor o Bispo de Montreal a respeito do liberalismo catholico, dos jornaes, etc.

Ignacio Bourget, pela graça de Deus e da Sé apostolica, Bispo de Montreal, etc.

Ao clero secular e regular, ás communidades religiosas e a todos os fieis da nos-

sa diocese, salvação e benção em Nosso Senhor.

Nossos carissimos irmãos,

A nossa intenção, n'esta carta pastoral, é indicar-vos alguns dos signaes pelos quaes podereis reconhecer o liberalismo catholico, de que vos é necessario fugir a todo o custo, a fim de pôr a vossa salvação em segurança. Porque temos o pesar de vêr que se fazem incriveis esforços para vos abalar nos vossos bons sentimentos, apesar de todas as instrucções que vos teem sido dadas sobre este grave objecto. Tambem é nossa intenção premunir-vos contra certos escandalos que poderiam enfraquecer os vossos sentimentos religiosos n'estes maus tempos.

Nós não somos surpreendidos, e, é precisamente o que nos penetra d'uma viva dôr escrevendo-vos a presente. Prestae pois muita attenção ao que vos vamos dizer, no interesse de vossas almas, dos diversos objectos que fazem a materia d'esta carta. Principiaremos pelo liberalismo.

§ 1.º Que vem a ser o liberalismo catholico?

O liberalismo catholico é uma união de doutrinas religiosas e sociaes que tendem a libertar mais ou menos os espiritos na ordem especulativa, e os cidadãos na ordem pratica, da regra que a tradição lhes tinha por toda a parte e sempre imposto.

Ou melhor ainda: *Que é o liberalismo catholico? Que é o catholicismo liberal?*

E' um sentimento falso e perigoso; é um partido revolucionario, que conspira de facto contra a Igreja e contra a sociedade civil.

Um catholico liberal é um homem que participa n'um grau qualquer d'este sentimento, ou d'este partido, ou d'esta doutrina, tanto mais mau quanto elle é mais liberal, e tanto melhor quanto elle é mais catholico.

O liberalismo tende sempre para subordinar os direitos da Igreja aos direitos do Estado, por medida de prudencia e de alta sabedoria, e mesmo para separar a Igreja do Estado, em que elle quereria uma Igreja livre no Estado livre.

O liberalismo pretende que só o clero é chamado a defender a religião; e que os leigos não teem esta missão, emquanto que o Papa declara, na sua Encyclica de 1853, que os leigos cumprem n'isto um dever filial, desde o momento em que elles combatem sob a direcção do clero.

O liberalismo moderno pretende que a religião não deve sair da sacristia, e nem passar os limites da piedade particular. Mas o Papa delara que os catholicos não podem defender efficaçmente os seus direitos e as suas liberdades senão entrando activamente em todos os negocios publicos.

Por estes signaes caracteristicos reconhecereis o liberalismo catholico. E' para isso que temos julgado dever chamal-os á vossa seria attenção, para que melhor possaes comprehender a definição que d'elles vos temos dado.

Para vol-o fazer conhecer ainda mais claramente, vamos aqui reproduzir o que d'elle disseram os padres do quinto concilio de Quebec.

«O liberalismo catholico, dizem elles, introduziu-se pouco na santa Igreja, eahi se escondeu usando de astucia e de mentira, como a antiga serpente no paraíso (terrestre), a fim de seduzir as almas imprevidentes, levando-as, por artificios, a comer do fructo da arvore da sciencia do bem e do mal.»

Deixamos ás vossas serias reflexões todas e cada uma das palavras d'esta definição, que vos faz notar que o liberalismo não é outra coisa senão o demonio que, escondido sob a forma da antiga serpente e armado da sua raiva, da sua malicia e da sua astucia, se acha agora no meio de nós para nos perder, como perdeu desgraçadamente nossos primeiros paes, despidendo-nos do vestido da justiça e da innocencia, e fazendo-nos perder esta fé pura e simples que não raciocina com Deus nem com a Igreja; ai! é para nos tornar culpados de orgulho e de desobediencia e nos merecer o mais terrivel dos castigos de vingança divina, e de ser vergosamente expulsos d'este santuario de todas as verdades reveladas, perdendo a fé, e de ser mergulhados no abismo dos maiores males.

Para bem o comprehender, basta olhar para os males horribes que desolam os governos e as nações europeas, feridas de uma incomprehensivel vertigem, em castigo do seu liberalismo.

Portanto, meus carissimos irmãos, a certeza de que o liberalismo catholico está escondido entre nós e o temor que este monstro medonho aqui cause todos os males que elle arrasta necessariamente consigo, tem muito de que nos fazer tremer e obriga-nos a levantar a voz para declarar bem alto o perigo.

[Continúa]

EXTRACTO

Recordações de Jerusalem

(Luiz Enault)

OS LOGARES SANTOS

Só uma vez fiz a peregrinação aos Logares Santos.

Vou ver se posso reproduzir as cousas—sem rethorica e sem frazeado—ou mostrar em logar de as descrever, por modo que cada um possa imaginar que fez pessoalmente esta maravilhosa viagem, e julgue, ao ler estas palavras que tem presentes as suas proprias recordações.

Primeiramente algumas poucas palavras, a respeito da cidade que serviu de teatro á grande tragedia divina. E' difficil formar, sem a ter visto, uma ideia exacta de

JERUSALEM

quando, depois de haver andado dois dias atravez do campo arido que separa a antiga capital da Judéa do porto de Jaffa, onde desembarcam os peregrinos, que vão da Europa, se chega á entrada d'um valle estreito, sinuoso e profundo, ao qual uma floresta de terebinthos deu, com o seu nome, um caracter de austeridade melancolica.

Pouco a pouco o valle vae ascendendo até desembocar n'uma cumeada desigual, semeada de rochedos, cobertos uns de musgos, outros de manchas de rôxo escuro e pardo avermelhado. Uma outra ondulação de terreno é transposta, e os brancos muros da cidade se erguem em frente de vós.

A primeira ideia que se apresenta á vossa alma, é a ideia do respeito em presença d'essa belleza austera, mas grandiosa. Vista atraz dos seus parapetos, cingida de torres, coroada de ameas, dominada pelas suas mesquitas e minaretes, com a sua ondeante cabelleira de palmeiras com cachos de ouro, Jerusalem é sempre a cidade rainha, e nós comprehendemos aquella especie de fascinação que ella exerce sobre os Arabes do deserto. Quando fallam d'ella, chamam-lhe sempre a *Santa*, a *Bella*.

E redor da cidade, nem um campo cultivado, nem jardim, horta, nem uma arvore sequer; o deserto, o deserto sempre com a melancolia da esterilidade. A cidade que matou o Homem-Deus está isolada n'uma completa solidão, na qual nada distrahe a vista de suas contemplações, nada desvia a alma de suas commuções.

As muralhas coroadas de ameas estão intactas e delimitam claramente o recinto fortificado em meio perfil os recortes das arestas vivas sobre um fundo duro e informe d'um azul insondavel. N'um bello dia de verão sob a reverberação ardente dos rochedos brancos esta primeira vista vos produz as oscillações da vertigem. Sómente na aproximação é que se percebem as ruínas do tempo e dos homens, e que se vê a obra da mão implacavel d'aquelle e das mãos violentas d'estes. As ruas escuras, tortuosas, escalavradadas, obstruidas, se prolongam por entre descambros ou medonhos casarões.

Os religiosos Franciscanos, guias obrigados dos viajantes, vos conduzem atravez de taes desolações, e vos encaminham para o Calvario, fazendo-vos seguir

A VIA DOLOROSA

que Jesus seguiu, carregado com a cruz, entre uma escolta de algozes, desde a *Casa de Pilatos* até ao cimo do *Golgotha*.

[Continúa]

Documento mui curioso.

Extrato de uma carta d'ElRei a D. Francisco da Gama, da Vidigueira, do seu conselho, Almirante e Viso-Rei da India em 5 de Março de 1598, na qual se duvida da capacidade de Diogo do Couto para escrever as *Decadas* e para ser archivista, accrescendo n'elle até o defeito do nascimento por descendente de

mulato, e se ordena que, tratado o caso entre o Viso-Rei e o Arcebispo, a ser verdade, não enganando o historiador até ElRei mandar o que for servido.

Conde Almirante, Viso Rei, Amigo. Eu ElRei vos envio muito saudar como aquelle que amo. Diogo de Coutto que tem a cargo a casa do tomo de Goa, e a historia dessas partes me escreveu nas mãos do anno passado que inda que o V. Rei Mattias de Albuquerque lhe não tinha dado os papeis e cartas necessarias para a historia da india conforme a minha provisão me enviava o primeiro livro do tempo do Governador fernão telles e do em que foi V. Rei dessas partes o Conde de Santa Cruz, e que hia proseguindo a historia de joão de Barros fazendo a quarta decada do tempo dos governadores lopo vaz de sampaio e nuno da Cunha, e tinha começado a quinta que continha os tempos do V. Rei dom Gracia de noronha, e do governador dom Estevão da Gama, e que este anno enviaria duas decadas e dahi por diante cada anno hum volume, e me enviava hus apontamentos tocantes a dita casa do tomo em que tratava das cousas de que vos deve ter dado conta, e se inda o não tiver feito lhe direis que vollos apresente. E o V. Rei Mattias de Albuquerque que me escreveu em carta de Dezembro de 96, que a casa para o dito tomo estava acabada e as chaves della entregues ao dito diogo de coutto, e que tambem lhe erão entregues pello Secretario do estado os livros das mensagens e dos acordos que tinha em seu poder acabados, e que sobre a entrega dos mais papeis, instrucções, cartas e provisões que costumavão estar em poder do V. Rei, se ordenou por assento feito na Relação de Goa que sobre estivesse por que em algumas dellas, poderia elle tratar de materias que inda que estivessem dadas á execução seria em segredo, ou se deixarião de pôr por obra, por algumas pessoas serem ausentes ou por outros respeito de meu serviço, as quaes parecia que não convinha serem publicas, nem irem á mão de diogo de coutto e que devião estar em poder do V. Rei, ou do secretario andando por entrega de hum successor ao outro, e que tambem convinha mandarem dar regimento a esta goarda do tomo pera ella saber como avia de proceder com os livros e papeis que lhe fossem entregues, e em cujo nome avia de passar as certidões, em que parecia grande inconveniente serem em meu nome como o fazia o goarda mór da torre do tomo deste Reino. E vendo eu tudo isto por hua e outra parte me parece que esta materia se deve regular pelo intento que n'ella se tem, sem de hum extremo, se vir ao outro, como seria de não avendo ategora goarda de papeis nesse estado, vir se a formar huma torre do tomo como a de lisboa, e se metterem n'ella os papeis que ali não tem lugar que são os que se entendeo na Relação que não convinha que ali estivessem conforme ao que me escreveu mattias dalbuquerque que fica nesta carta referido, pello que vos encomendo que ouçais o dito diogo de coutto quem mando escrever que vos lhe dareis a ordem de como ha de proceder, e vejais os seus apontamentos, que já vos deve ter dado conforme aos que me enviou e pratiqueis os individuos destas materias com o Arcebispo de Goa e com quem mais vos parecer venho tambem a provisão que mandei passar ao dito diogo de coutto e lhe faças entregar todas aquellas escrituras que não forem cartas das vias, nem instruccões senão outras cousas perpetuas, que convem estarem bem guardadas assim pello que toca a meu serviço, como ao bem das partes das quaes quando se ouverem de dar alguns testados ou certidões será por vosso expresso mandado e vereis se as deve passar o dito diogo de coutto, ou os officiaes, que não avendo casa do tomo, ouverião de ter as ditas escrituras em sua mão e ordenareis regimento ao dito diogo de coutto de que usará, em quanto lhe não fór por outro assinado por mim, e pera isso me enviareis as primeiras náos a copiar do assi lhe derdes escrevendo-me sobre tudo isto mui particularmente, para isso vos ir reposta do que ouver por meu serviço.

E as instrucções e Cartas que vos escrevo e tiver enviado aos V. Reis e governadores antes de vós, estarão a bom recado e fechadas em mão do secretario desse estado o qual as entregará por inventario ao secretario que lhe succeder de maneira que andarão sempre a todo bom recado na secretaria lugar decente

para semelhantes materias, e quando para a escritura da historia que está encarregada ao dito diogo de coutto elle tiver necessidade de alguns capitulos das ditas cartas, ou das que vos escreverem meus capitaens vellas pedirá, e vereis se se lhe devem, e podem dar, e se fará n'isso o que assentardes com o Resguardo e consideração que estas materias pedem por que cousas averá que inda que sejam de escrever, não seria inda chegado o tempo de se averem de revelar em historia, e em tudo dareis toda ajuda e favor ao dito dyogo de coutto para bem poder proseguir esta historia da india, e tereis cuidado de o fazer aplicar a ella de modo que sempre todos os annos se me envie o mais que n'isto puder fazer sendo primeiro vista por vos, cuja curiosidade que sou informado que tendes da historia da india será tambem de effeito para procederdes com o dito dyogo de coutto no modo que convem, e o livro que me escreveu que mandava não veo nas náos do anno passado.

«E porque sou informado que o dito dyogo de coutto não he tam sóficiente como ho entendi pella primeira informaçã que delle me foi dada; e que tem falta em seu nascimento, o que tudo deveis já ter sabido depois de chegardes á india, pollo que sobre esta materia vos escrevi nas vias do anno passado, advertirvos eis nestes particulares que praticareis com o Arcebispo de Goa, e achando ambos, que não convem entregar-se nem a casa do tomo nem a escritura da historia ou pello menos algumas destas duas cousas, ao dito dyogo de coutto, ireis desimulando com ella no melhor modo que vos parecer este me avisardes, e vos mandar o que ouver por meu serviço, e avendo elle de ter o cargo de goarda da casa do tomo vereis, se na provisão que lhe foi deste Reino para isso falta o juramento, que foi avisado que não tinha, e lho fareis dar em forma e obrigação do cargo, e escrita em lisboa a cinco de março de 1598—Principe—miquel de moura.»

Original que está no Arch. da T. do M. S. da Salla do Guarda Mór.
(«J. da Noite»)

GAZETILHA

Lausperenne em S. Vicente.—A meza da irmandade de S. Vicente celebrou este anno a solemnidade do Lausperenne, com toda a pompa e magnificencia, não se tendo poupado a despesas e trabalhos, pelo que a julgamos credora de louvor especial.

Desde o anteparo até ao throno, no qual sobresaia um lindo baldaquino, onde pela primeira vez foi exposto o SS. Sacramento, tudo era surprehendente e bello. Todo o templo estava adornado com muito esmero e gosto, e de tal arte se achavam dispostos os lumes que produziam um effeito excellente.

Os lustres, substituindo as luzes que era de costume collocar-se nas janellas e frestas—costume que deve acabar em razão dos inconvenientes e perigos a que pode dar causa—eram igualmente de bom effeito, e davam margem a lamentar que elles fossem suspensos do zimbório, e não fixos na parede.—o que deveria effectuar-se quando ultimamente aquelle templo foi decorado com o azulejo.

Anniversario natalicio de Pio IX.—Seguindo o louvavel costume dos annos anteriores, os alumnos do curso trienal do Seminario de S. Pedro, tencionam festejar no dia 13 de maio proximo o anniversario natalicio do immortal Pio IX.

A comissão constituida para levar a effeito os festejos é composta dos snrs.: Joaquim Domingues Mariz, Manoel Ribeiro de Castro, André Gonçalves Vasco, Antonio de Sousa Pereira, Miguel Baptista da Silva, Manoel Vieira Reis Junior, Eduardo José de Sá Carvalho, Custodio Lopes Vieira dos Santos, João de Castro Meirelles, Domingos Adelino d'Almeida, José Joaquim d'Araujo e Manoel Gomes de Andrade.

Dizem-nos que o orador será o exc.^{mo} dr. Moreira Guimarães.

Benção dos ramos.—Celebrou-se no Real Santuario do Bom Jesus do Bom Jesus do Monte a benção dos ramos, que foi, como nos annos precedentes, feita com explendor.

A concorrência de pessoas que affluiram áquelle bellissimo local era mui numerosa. Na Sé foi a solemnidade feita na fór-

ma costumada. A Paixão cantou-se na capella-mór, para o que trabalhosamente se rematou parte das obras que n'ella se estão fazendo.

Pelos trabalhos alli concluidos, vê-se de quanta vantagem não é a reconstrução a que se procede. Os praguentos estão já desenganados do erro dos seus calculos.

Exposição na Philadelphia.—O preço de um bilhete de admissão na exposição de Philadelphia será de meio dollar (450) pagos n'uma nota.

Os recebedores nada terão a fazer com as notas, senão ver se são boas ou más e deital-as para dentro das caixas.

Ao pé de cada entrada estará estabelecida uma agencia do Centennial National Bank que trocará o dinheiro dos visitantes em notas de 50 centimos.

A comissão da Exposição, depois de muito inquerito e cuidadosa consideração, concluiu que este sistema simples, com ausencia de bilhetes permanentes e de qualquer modificação, era o mais barato e mais seguro contra a fraude.

Nas portas nem sequer se receberá uma nota de dolar para admissão de duas pessoas nem duas notas de quarto de dollar para admissão de uma só.

Semana Santa.—Sua exc.^a rev.^{ma} o snr. arcebispo coadjutor, não podendo assistir na Sé Primacial ás grandes solemnidades da Semana Maior, tem deliberado fazer na capella do Paço Archiepiscopal a benção dos Santos Oleos, que começará pelas 9 horas da manhã de quinta feira, 13; e pelas 3 horas da tarde, fará na mesma capella a edificante cerimonia de lavar os pés a doze ecclesiasticos, para este fim convidados.

Na Sé far se-hão os mesmos officios sagrados na forma do costume: só não havendo—Lava-Pedes, nem sermão do Mandato.

Ao Jornal do Minho.—O *Jornal do Minho* em vez de responder franca e lealmente ao emprazamento que solemnemente lhe dirigimos em o n.º 477 d'esta folha, esconde-se nas sinuosidades d'umas distincções parvas, pompeando de sabichão e sofista d'alta polpa, o que motivaria a gargalhada, se não movesse a dó. Porque na verdade mete pena o espectáculo que muitas veses offerece a imprensa jornalística, como a que se espelha no *Jornal do Minho*, aviltada por uns rabulos covardes, que, para se darem vulto entre gente, se abalançam a morder a honra de qualquer cidadão probo; e quando este, no justo desagravo de sua reputação illibada, lhes sae a pedir-lhes contas precisas e cathgoricas, respondem gaguejando umas burrundangas, que fazem tedio e compaixão simultaneamente, se bem que ha tambem quem sinta vontade de os enxotar com o bico da bota para a carroça do lixo dos ribeirinhos.

Fallemos claro sobre o ponto, snrs. do *Jornal do Minho*. Não façam distincções tolas por uma banda, e embrulhadas pela outra. Não queiram fingir que desviam os seus tiros do editor d'esta folha, para os alvejar aos redactores, separando e extremando as responsabilidades, e agravando mais a sua situação quando supõem, injuriosamente, o mesmo editor a subscrever e a sustentar com o seu nome, mas sem consciencia nem convicção, o que não agrada aos snrs. do *Jornal do Minho*.

Tolos entendem e comprehendem que as agonias raivosas manifestadas no *Jornal do Minho* se dispararam no editor do *Commercio do Minho* pela fórma grafica das insinuações insultuosas que lhe dirigem.

Não pensem que illudem quando aflagam com luvã branca José Maria Dias da Costa, editor d'esta folha, e hipocritamente o fingem separar da questão, — para, com outra mão enlameada no charco das infamias, atacarem uma entidade jornalística, que todas vêem ser nem mais nem menos do que o mesmo José Maria Dias da Costa. E' n'este fundamento que está o seu direito de interpeção, reconhecido por quantos tem olhos para ler, intelligencia para entender, e criterio para derimir o falso do verdadeiro.

O *Jornal do Minho* de 7 diz: «Não fallamos em secretaria ou repartições publicas para que o nosso adversario nos pergunte quando requereu o osso, ou em que repartição se acha a supplica; negocios entre compadres tratam-se doutro modo. . . Tiramos uma illação logica do seu procedimento; não achamos outra explicação para a sua mutação politica. . . »

Isto nada explica. Deduzir uma consequencia ou facto injurioso de hypotheses inteiramente imaginarias e injuriosas, é escrever na areia, ou então subtrair-se mi-

seravelmente a uma resposta cathgorica, leal e franca, e escorregar d'um apêrto em que os comprime quem se préza de homem de bem com toda a sua hombridade e nobresa de caracter.

Fica, portanto, ainda de pé em toda a sua força e amplitude, o nosso emprazamento, dirigido ao proprietario do *Jornal do Minho*, unico que vemos subscrever a responsabilidade legal e moral d'aquella folha. Quem pretender fazer acreditar que não é elle o responsavel por todos os effeitos desta questão, e que elle não presta o seu nome a arremelidas ineptas ou petulantes, ou á responsabilidade destas; — subscreva o seu nome, ponha os pontos nos ii, e d'aqui ninguem fugirá, fazendo negações de rabula e estolido chicaneiro.

Emquanto assim não succeder, e emquanto nós aprouver, repetiremos:

Emprasamos o *Jornal do Minho*, na pessoa de seu proprietario, a que nos diga franca e cathgoricamente o que sabe das referencias contidas na local epigrafada *Trabalho de Hercules*, publicada na 3.^a pagina, 3.^a columna do seu n.º 129, de 31 de março: «. . . o compadre *Commercio do Minho*. Pobre compadre, tinham-lhe prometido um osso. . . » etc.

A abobora e a bolota.—(Conto de Schmid).—Descançava um camponez á sombra de um carvalho secular, e entrelinha-se contemplando um pé de aboboreira que pelo chão se estendia. A vista d'isto poz-se o camponez a meneiar a cabeça, dizendo lá de si para consigo:

—Hum! não acho lá muito regular que uma hastea tão delgada dê tamanho fructo, quando este soberbo carvalho o produz tão pequeno. Se eu fosse Deus, ao crear o mundo, tinha feito nascer as grandes e formosas aboboras do passante carvalho, e antes teria querido que as bolotas crescessem da rasteira planta.

Mal tinha proferido estas palavras, quando uma bolota que se depredeou da arvore cahiu, e veio bater-lhe justamente sobre o nariz, e até lhe fez sangue.

—Apre! disse assustado o nosso filosofo; é bem feito para eu não ser ton-to. Olha se em vez da bolota fosse uma abobora, como não ficaria achatado o meu pobre nariz. Saffa!—(Extr.)

Inundações.—Participam de Pesth, na Hungria, em data de 29 do passado:

As noticias que se recebem da Baixa Hungria, são contristadoras. O Danubio e o Theiss crescem rapidamente. O condado de Torontal está horrivelmente devastado. As aguas em Szegedin chegaram a uma altura de 22 pés.

Na cidade e nos arredores acaba de ser proclamada a lei marcial.

—Parte da cidade de Belgrado está bebaixo de agua. O bairro de Sasse; ou está concentrado o commercio, soffreu muitissimo.

Ha necessidade de atravessar as ruas em barcos. Varias casas ameaçam ruina. Entre Semlin e Belgrado todas as ilhas estão debaixo de agua e os barcos a vapor passam-lhes por cima. Os terrenos entre Pontchewo e Belgrado estão inteiramente inundados. Em Semlin, os prejuizos são enormes. No paiz não ha lembrança de uma inundação similhante.

SECÇÃO DE COMMUNICADOS

Ao publico

Em virtude d'alguma demora na entrega d'uma encomenda, que d'Evora foi enviada ao professor do Lyceu d'esta cidade nas cadeiras de mathematica; daram pábulo a suas linguas maledicentes alguns invejosos do nome pondunoroso de que prezamos.

Para os confundir, e mostrarmos ao publico o que somos, e sempre nos presaremos de ser, offerecemos-lhe a cópia do documento que transcrevemos:

Snrs. Campos e Oliveira.

Ao chegar hoje de tarde a casa, achei a encomenda que eu esperava d'Evora, e a todos nós nos dera cuidados.

Agradeço-lhes a sollicitude com que desvencilharam este negocio, empregando n'isto o pondunor e brio de quem préza o seu nome, e quer merecer do publico a confiança a que tem jus.

A falta de clareza na expedição, como acabo de verificar, foi o motivo da procrastinação da entrega da mesma encomenda; e não teve n'isto causa, nem fal-

ta de solicitações da parte dos seus agentes no Porto.

«A este meu testemunho de dar o seu a seu domno», podem dar a publicidade que lhes aprouber, para que ninguém ouse macular-os a este respeito, e os tenha na consideração a que aspiram.

Pagalhes o que lhes deve n'este desenlace

Braga, 8 d'Abril de 1876.

O Professor *Pereira Caldas.*

Campos & Oliveira.

ULTIMOS TELEGRAMMAS DA AGENCIA HAVAS

MADRID 7.—O ex-ministro Alonso Martinez, combateu no congresso as doutrinas de Castelar, defendeu o projecto de constituição, e fez a apologia da monarchia hereditaria constitucional.

VERSALHES 7.—A camara dos deputados annullou a eleição do legitimista Chenslong pelos Baixos Pyreneus.

O cardeal arcebispo de Paris, mgr. Guibert, recusou-se a acceder ao convite da commissão encarregada de proceder a um inquerito sobre o procedimento do clero na eleição do conde de Mons por Pontivy.

A commissão convidará o cardeal arcebispo a faser perante ella o seu depoimento.

PARIZ 7.—Os prefeitos receberam ordem de sómente deixar partir os internados carlistas que se achem monidos de documentos de indulto, passados pelos consules hespanhoes.

Os jornaes de Poitiers publicam um aviso de prefeitura disendo que as auctoridades foram prevenidas de terem os refugiados carlistas recebido cartas annunciando-lhes que certos carlistas que acceitaram o indulto haviam sido fusilados.

Esta noticia é falsa; foi espalhada com o fim de impedir que os internados regressam a Hespanha. Os propagadores de taes boatos serão entregues aos tribunaes.

ROMA 7.—No consistorio de hoje, o papa nomeou sete cardeaes, tres dos quaes para a America do Sul.

MADRID 9.—Morreu hontem o almirante Lobo. A «Gazeta» diz que o ministro de obras publicas propoz ao congresso uma lei concedendo um adiantamento reembolsavel de 3.250.000 pesetas aos caminhos de ferro do norte, de Saragoça, Barcellona, Pamplona, Lerida, Reus e Tarragona. Os jornaes louvam a decisão do governo de convocar os delegados da Biscaya para Madrid em 1 de maio e os de Navarra em 15 do mesmo mez, a fim de discutirem a futura administração d'aquellas provincias.

NEW-YORK 7.—Continua a insurreição no Mexico, sobretudo nas provincias de Oaxaca e Vera Cruz.

AGRADECIMENTOS

Antonio José da Silva Melo, Anna Benedicta da Conceição Mello, Maria da Conceição Paiva e Matilde Lopes Cardoso, agradecem por esta forma a todas as pessoas de suas relações e amizade, todos os obsequios que de qualquer forma se dignaram dispensar-lhe por occasião da doença e fallecimento de sua presada filha, sobrinha e afilhada, Lucinda Matilde da Silva Mello, cujo fallecimento teve lugar no dia 30 de março p. p., e bem como igualmente agradecem a todas as pessoas que se dignaram assistir na real espella da Misericórdia, á missa e responsos de gloria, no dia 1.º do corrente, não esquecendo de particularmente agradecerem aos reverendos capellães da mesma casa, as provas de benevolencia que lhes dispensaram, e ao muito reverendo abbade de S. João por todos os serviços que lhe prestou gratuitamente. A todos tributão seu reconhecimento e gratidão. (3076)

Bernardo José da Cunha, Manoel José da Cunha, José Antonio da Cunha, Rosa Maria da Cunha Braga, Maria da Conceição da Cunha, João Baptista Braga, Padre Antonio da Cunha, agradecem, por este meio, a todas as pessoas que se dignaram obsequial-os, por occasião do fallecimento

e funeral de sua presada mulher, mãe, sogra e coahada, Monica Maria do Espito Santo da Cunha, que teve lugar no 1.º do corrente mez, na veneravel Ordem Terceira, d'esta cidade, e bem assim aos reverendos snrs. ecclesiasticos que gratuitamente assistiram ao officio de corpo presente, protestando a todos indistinctamente o seu eterno reconhecimento e indelevel gratidão. (3078)

ANNUNCIOS

Companhia Edificadora e Industrial Bracarense

Sociedade anonyma de responsabilidade limitada

São convidados os snrs. accionistas, a fazer a 5ª entrada de 5 p. c. ou 1\$250 por acção, do dia 10 a 20 d'abril, desde as 10 horas da manhã ás 2 da tarde, no escriptorio da Companhia, no campo de Sant'Anna, n.º 71 D 2.º andar.

Os directores

*João Carlos Pereira Lobato
Francisco da Silva Araujo
José Alves de Moura. (3082)*

Pão de ló do mais superior, na rua das Agoas, n.º 70. Recebem-se e commendas. (3082)

CONFETARIA CENTRAL

15, Rua de S. Marcos, 15

Receben directamente de França um variado sortimento de amendoas, caixinhas e cartunagem, proprias para amendoas e queques, e pão de ló, rebuçados de ovos e mais qualidades, e muitas outras cousas proprias do seu estabelecimento, que tudo vende por preços razoaveis. (3083)

Manoel Ignacio da Silva Braga

Com estabelecimento de mercearia e cera

11—PRAÇA DE ALEGRIA—11

BRAGA.

Tem á venda bolacha doce.	a	120
» » miada	a	120
» » D. Luiz.	a	180
» » ingleza.	a	180
» » agoa e sal.	a	180
» requife	a	160
» doce de chá.	a	200
» paciencias.	a	240

(3084)

O conselho administrativo do regimento d'infanteria 8, faz publico, que no dia 21 do corrente mez, por 11 horas da manhã, na sala das sessões do mesmo conselho, tem de proceder á venda, em hasta publica, de uma porção de madeira velha proveniente das obras de melhoramentos do quartel.

As pessoas que desejarem concorrer á licitação podem ver a mesma madeira, todos os dias não santificados desde as 9 horas da manhã até ás 2 da tarde, dirigindo-se para esse fim ao sargento de engenharia apontador das mesmas obras.

Quartel em Braga 11 d'abril de 1876.

O secretario do conselho

Bernardo Ozorio,

(3085) Alferes d'infanteria 8.

VENDA DE CASAS

Vende-se uma casa feita de novo, sita na rua das Agoas n.º 91; pode-se ver desde as 9 horas da manhã, até ás 3 da tarde. Trata-se na rua dos cháos n.º 13 (3086)

A junta de parochia da freguezia de S. Martinho de Dume,

Faz publico, que tem a derramar pelos parochianos da dita freguezia, a quantia de 832\$180 réis; para as despesas da igreja da sua freguezia, segundo o orçamento existente no exc.ºº conselho de districto. Todo aquelle contribuinte que tiver que reclamar, o pôde fazer dentro do praso da lei, perante o dito conselho de districto. (3075)

COMPANHIA

LLOYD DE BREMEN

NORDDEUTSCHER LLOYD



HOHENZOLLERN... 3:100 tonel.

HAPSBURG... 3:100 tonel.

HOHENSTAUFEN... 3:100

SALIER..... 3:100

Carreira mensal

Para Pernambuco, Bahia, Rio de Janeiro, Montevideu e Buenos-Ayres

O segundo paquete d'esta Companhia a sahir n'esta nova carreira é o «Salier» de 3:100 tonelladas de Lisboa em 10 d'abril para os portos acima mencionados.

Estes paquetes já tão acreditados na carreira que a Companhia tem sustentado durante alguns annos entre Bremen e Nova-York, vão tendo em Portugal a protecção que merecem, pois tem os mais modernos aperfeiçoamentos e esplendidas accommodações para passageiros de todas as classes.

A bordo de cada paquete ha um medico que é obrigado a prestar seus serviços gratuitamente aos snrs. passageiros, assim como são fornecidos todos os medicamentos necessarios. Tambem tem cosinheiros e criados portuguezes.

Quaesquer informações ou bilhetes de passagens podem obter-se dos agentes **Hawes & C.ª**, rua de S. Francisco n.º 4. 2.º andar—Porto—e em Braga ao agente Ricardo Malheiro Dias, na thesouraria do Banco Mercantil, ou largo de S. Miguel O Anjo n.º 20. (6*)

MALA REAL INGLEZA



S. Vicente, Pernambuco, Bahia, Rio de Janeiro, Montevideo e Buenos-Ayres
Acceitando tambem passageiros de 3.ª classe para SANTOS e RIO GRANDE DO SUL com trasbordo no Rio de Janeiro

DOURO

Este paquete da Companhia Mala Real Ingleza sahirá de Lisboa em 14 de Abril.
Para mais esclarecimentos dirijam-se á Agencia Central no Porto, rua dos Ingleses, 23—o agente Guilherme C. Tait, e nas provincias ás agencias e correspondencias nas principaes cidades e villas.
Agente em Braga o snr. João Manoel da Silva Guimarães, Rua do Souto.



NOVO HORARIO

Manoel José Teixeira e Joaquim Alves Vinagreiro, levam ao conhecimento do publico, que os carros que d'esta cidade saem para a Povoia de Lanhoso ás 7 horas da manhã e 2 da tarde, principiam a sair no dia 9 do corrente ás 6 horas da manhã e 3 da tarde, e chega á Povoia ás 8 da manhã e 5 da tarde, e da Povoia para Braga ás 6 horas da manhã e 3 da tarde, e chega a Braga ás 8 horas da manhã e 5 da tarde.

Braga 5 d'Abril de 1875;

(3079) *Manoel José Teixeira.
Joaquim Alves Vinagreiro.*

Venda de bens de raiz em S. Thiago de Carreiras, concelho de Villa Verde.

No dia 20 do proximo mez d'abril, ao meio dia, no adro da igreja parochial de S. Thiago de Carreiras do concelho de Villa Verde, tem de arrematar-se o campo do Rio, o campo do Arieiro, e a leira da Veiga, situados na mesma freguezia, e pertencentes ao casal em liquidação do fallecido exc.ºº Manoel de Magalhães d'Araujo Pimentel, isto por deliberação da commissão liquidataria do mesmo casal.

Braga 29 de Março de 1876.

*Henrique Freire de Andrade
Manoel Luiz Ferreira Braga
João Evangelista de Sousa Torres e Almeida.* (3058)

ARMADOR

João Baptista Ribeiro

56—rua Nova—56

Participa aos seus amigos e freguezes que o seu estabelecimento se acha augmentado, com grande porção de damascos para forrar egrejas, cortinas bordadas, etc.

Riquissimos vestidos para anjos, em numero muito abundante; o mesmo em cortinados pretos para enterros, tendo para os mesmos um dos melhores carros funeraarios. Faz caixões e habitos de tonos os preços, seja o mais rico que lhe queira encommendar, promptificando-se como é do seu costume, a desempenhar tudo o melhor possivel e por preços muito baratos.

No mesmo estabelecimento se vende uma eça com tudo que lhe pertence, em muito bom estado. (3037)

ATENÇÃO

No largo de D. Gualdim n.º 1 casa de José Maria Torres Machado vende-se milho branco a 580, e 550 reis a retalho, por junto á abatimento, pelo mesmo preço se vende nas casas do annunciante na ponte de Prado. (3087)

CASAL

Vende-se na Povoia de Lanhoso e logar d'Arrifana o casal denominado d'«Alem» com todas as suas pertencas, livre de fôro ou penção. Dirigir-se ao proprietario alli, ou nos Chãos de Baixo, n.º 6. (3055)

Aforam-se ou vende-se

Quatorze terrenos com 30 palmos de Sente e 170 p. de fundo, na rua Nova da senhora A Branca. Para tratar, á rua do Conselheiro Januario, n.º 97, com seu dono João Manoel Pereira. (3013)

DOCTOR IN ABSENTIA

O professor em artes, letras e sciencias, membros do clero e magistrados, todo o medico, cirurgião, dentista e artista, que desejem obter o titulo e diploma de doutor ou bacharel honorario, podem dirigir-se a Medicus, rua do Rei, 46, em Jersey (Inglaterra). (3070)